

## Definições de guia-interpretação na literatura

<b>Edital:</b>	Edital PiiC 2023/2024
<b>Grande Área do Conhecimento (CNPq):</b>	Linguística
<b>Área do Conhecimento (CNPq):</b>	Linguística Aplicada
<b>Título do Projeto:</b>	Termos da educação linguística de surdos
<b>Título do Subprojeto:</b>	Definições de guia-interpretação na literatura
<b>Professor Orientador:</b>	Pedro Henrique Witches
<b>Estudante:</b>	Lurdes Aparecida Ferri

### Resumo

---

A guia-interpretação remonta à emergência da educação de surdocegos no final do século XVIII. Este relatório apresenta uma pesquisa cujo objetivo foi analisar definições de guia-interpretação na literatura. Parte-se da linguística aplicada indisciplinar para compreender que práticas de linguagem de pessoas surdocegas se mesclam a elementos linguístico-culturais das pessoas surdas. Assim, uma pesquisa bibliográfica oportunizou a seleção de 30 produções acadêmicas e científicas nacionais sobre guia-interpretação ou sobre pessoas com surdocegueira, compreendidas entre 2005 e 2023. A análise permitiu identificar que a guia-interpretação é uma compreensão inicialmente atrelada à educação especial e, posteriormente, descrita como atividade autônoma. A partir de recorrências observadas no material, foi possível identificar, quatro ênfases nos modos de definir a guia-interpretação: (i) como mediação e recurso de acessibilidade; (ii) como amplo domínio das formas de comunicação da pessoa com surdocegueira; (iii) como atividade que possui uma tripla-função profissional (interpretar, descrever e guiar); e (iv) como um ramo especializado da atividade de interpretação. Compreende-se que essas ênfases não se anulam e marcam o processo de amadurecimento de um conceito sobre uma atividade que tem se fortalecido diante de demandas sociais da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Guia-interpretação. Surdocegueira. Linguística aplicada indisciplinar. Pesquisa bibliográfica.

### 1 Introdução

---

A guia-interpretação constitui uma atividade que contribui com meios de uma pessoa com surdocegueira acessar o mundo a partir de suas possibilidades sensoriais. Embora não exista estudos que tratem disso, é possível deduzir que a prática da guia-interpretação tem sido exercida desde a emergência dos primeiros projetos educacionais voltados a pessoas com deficiência na Europa do século XVIII, quando tutores e preceptores de crianças com surdocegueira as conduziam e mediavam sua comunicação com outras pessoas. Isso tornou complexo o estabelecimento de limites entre as figuras hoje nomeadas como guia-intérprete e instrutor-mediador. Desse modo, entende-se que a história das práticas de linguagem em torno de pessoas com surdocegueira se confunde com a história da educação linguística de surdos, assim como a história da interpretação de língua de sinais permeia a história da guia-interpretação.

Nesse sentido, Chambers, Moore e Ramey (2019) argumentam que a guia-interpretação pode ser entendida como um subcampo da interpretação de línguas de sinais. Entende-se, entretanto, que os estudos sobre tradução,

interpretação e guia-interpretação são marcados pela interdisciplinaridade (Santiago, 2021), o que permite compreender a relação da pesquisa aqui apresentada com o projeto de pesquisa *Termos da educação linguística de surdos*, produzido no âmbito do Círculo de Estudos Indisciplinares com Línguas de Sinais (Ceilis), visto que as experiências linguísticas, sensoriais, culturais e sociais das pessoas surdas se assemelham à experiência da surdocegueira em inúmeros aspectos como, por exemplo, o compartilhamento de uma língua de modalidade de expressão gestual.

A mobilização para realização da pesquisa partiu da identificação da pouca produção e da baixa circulação de conhecimentos em torno da guia-interpretação para pessoas com surdocegueira. Sobre esse aspecto, Piva e Witches (2023) explicam que, em todo o Brasil, apenas um curso de graduação oferece uma disciplina obrigatória sobre guia-interpretação na formação superior de tradutores e intérpretes de língua de sinais: trata-se do curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). De acordo com os autores, outros cursos semelhantes até tratam da guia-interpretação como um tópico diluído em disciplinas sobre interpretação e, historicamente, a formação de guia-intérpretes no país se restringe a iniciativas de organizações da sociedade civil. Ou seja, é possível compreender que se trata de uma atividade pouco conhecida e pouco explorada do ponto de vista acadêmico e científico, de modo que um problema de pesquisa foi formulado a partir da seguinte pergunta: *como a guia-interpretação se constituiu na formação de saberes sobre as pessoas com surdocegueira?*

Diante dessas considerações iniciais, a pesquisa aqui apresentada envolveu uma proposta de sistematização de definições da noção de guia-interpretação com base na revisão de literatura. Isso pode contribuir, especialmente, para o projeto de pesquisa maior, uma vez que a tradução, a interpretação e, conseqüentemente, a guia-interpretação compõem noções fundamentais para o campo da educação linguística de surdos e surdocegos.

## **2 Objetivos**

---

Na intenção de responder o problema de pesquisa, a pesquisa apresentada neste relatório partiu do seguinte objetivo geral: *analisar definições de guia-interpretação na literatura*. Para alcançá-lo, três objetivos específicos foram traçados:

- a) mapear a produção bibliográfica que trata sobre guia-interpretação ou surdocegueira;
- b) identificar definições de guia-interpretação encontradas na produção bibliográfica;
- c) discutir as definições de guia-interpretação contidas na produção bibliográfica.

## **3 Embasamento teórico**

---

A pesquisa apresentada neste relatório se filia à perspectiva crítica que Moita Lopes (1998) chamou de linguística aplicada indisciplinar. Adota-se uma postura indisciplinar para fazer linguística aplicada considerando que o projeto de pesquisa maior ao qual o subprojeto de iniciação científica está vinculado se insere em um campo de estudos indisciplinados que, de alguma forma, se relacionam com línguas de sinais. Ao adotar uma perspectiva crítica em linguística aplicada, compreende-se, conforme Pennycook (2023), que é possível fazer uso de

concepções e teorizações sobre a linguagem para oferecer inteligibilidade sobre um problema social no qual a linguagem tem um papel fundamental. No caso deste trabalho, o objeto em questão é a guia-interpretação, um tipo de atividade que envolve a mobilização de diferentes recursos de linguagem para tornar a comunicação, compreensão e expressão de pessoas com surdocegueira acessíveis às suas condições linguístico-sensoriais.

A guia-interpretação para surdocegos, de acordo com Petronio (2010), possui muitas semelhanças com a interpretação para surdos. Para a autora, muitos intérpretes de língua de sinais têm receios com a guia-interpretação porque não são familiarizados com alguns aspectos dessa atividade, especialmente no que tange aos elementos táteis necessários à guia-interpretação. Nesse caso, é importante destacar ser complexo definir um padrão linguístico-identitário nas formas de se constituir pessoa com surdocegueira, considerando que existem diferentes formas de viver a experiência de ser surdocego. Há pessoas surdocegas que apresentam total impedimento sensorial da audição e da visão, e também há aquelas com resíduos auditivos e/ou visuais que também podem ser consideradas surdocegas (Falkoski; Maia, 2020). Na produção acadêmica sobre essas pessoas, é possível encontrar pelo menos três formas de distinguir a surdocegueira: (i) a *congênita*, que caracteriza a surdocegueira desenvolvida na concepção e presente no nascimento ou que se adquire antes do início do desenvolvimento da linguagem; (ii) a *adquirida*, descrita como a surdocegueira que ocorre após o desenvolvimento linguístico; e (iii) a *surdocegueira em idosos*, desenvolvida após 55 anos de idade e considerada a mais comum dentre elas (Vervloed; Damen, 2016).

Diante dessas diferentes experiências de ser surdocego, Almeida (2015, p. 149) estabelece que sistemas de comunicação utilizados por uma pessoa com surdocegueira estão diretamente relacionados “com a forma de comunicação que desenvolveu durante sua vida e suas experiências de linguagem”. Isso implica compreender que a prática de guia-interpretação requer o conhecimento de diferentes formas e estratégias comunicacionais utilizadas pelas pessoas com surdocegueira. Um mapeamento dessas diferentes formas de comunicação foi realizado por Monteiro (2023). Inicialmente, a autora identificou, na literatura especializada, pelo menos 50 formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira que, após análises, foram reduzidas a 25, visto que alguns autores davam nomes diferentes para uma mesma forma de comunicação.

É importante destacar que, em 2023, a figura do profissional guia-intérprete foi incorporada na lei federal nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamentava a profissão de tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais (Libras). A partir da lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, a lei de 2010 foi alterada e sua ementa passou a vigorar com a seguinte redação: “Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)” (Brasil, 2023, p. 5). Essa alteração incluiu uma definição de guia-intérprete, considerado “o profissional que domina, no mínimo, uma das formas de comunicação utilizadas pelas pessoas surdocegas” (Brasil, 2023, p. 5).

Os elementos apresentados até aqui demonstram que a guia-interpretação, apesar de ser uma atividade com longa história, começou a ser compreendida, demandada e reconhecida muito recentemente, especialmente com o avanço de políticas comprometidas com a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade. Os esforços para delimitar o papel e as funções do profissional que executa essa profissão estão marcados na produção que trata sobre esse assunto. Além disso, como demonstrado por Piva e Witches (2023), ainda existe uma grande carência em relação à

oferta de formação de guia-intérpretes no âmbito de instituições públicas. Esse, sem dúvidas, é um desafio que precisa ser superado nas próximas décadas.

## 4 Metodologia

O estudo apresentado neste relatório foi realizado com base em uma abordagem metodológica qualitativa, de cunho exploratório. A investigação envolveu procedimentos da pesquisa bibliográfica. Paiva (2019) entende esse tipo de pesquisa, principalmente, como revisão de literatura e parte essencial de qualquer pesquisa. De acordo com a autora, esse método “tem por objetivo contextualizar uma pesquisa e mostrar o que já existe sobre o objeto investigado”. A pesquisa bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (2017), é feita com base em livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos etc.

Considerando esses elementos, desenvolveu-se um levantamento de produções acadêmicas e científicas no âmbito nacional. Como critério para inclusão no levantamento, delimitou-se que a produção deveria abordar o tema da guia-interpretação ou da surdocegueira desde que elementos sobre a guia-interpretação fossem citados. A inclusão de produções sobre surdocegueira foi considerada tendo em vista que a guia-interpretação tem sido considerada uma atividade imanente a inclusão e acessibilidade de surdos. As buscas foram feitas a partir de três bases de dados: o *Google Acadêmico*, a *SciELO Brasil* e o *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*. Produções conhecidas previamente pelo orientador ou por colegas integrantes do grupo de pesquisa também foram incluídas no levantamento mediante suas indicações. Por entender que não se trata de uma produção muito extensa, a busca contemplou produções em formato de trabalhos acadêmicos (teses e dissertações), artigos científicos, livros e capítulos. Inicialmente, havia sido considerado incluir monografias de conclusão de graduação ou especialização. Entretanto, ao perceber que não existe uma uniformidade na forma como tais trabalhos são disponibilizados em repositórios institucionais e que foram encontrados somente dois trabalhos desse tipo, optou-se por desconsiderá-los. No Quadro 1, apresenta-se a produção selecionada:

Quadro 1 – Produção selecionada

Quantidade e gênero textual	Autoria e ano de publicação
10 artigos científico	Villas Boas <i>et al.</i> (2012); Almeida (2017); Almeida e Souza (2017); Soares <i>et al.</i> (2018); Lupetina e Walter (2021); Giza, Bondezan e Moraes (2022); Oliveira (2022); Belém e Costa (2023); Maia e Falkoski (2023); Piva e Witches (2023)
8 dissertações de mestrado	Carillo (2008); Farias (2015); Falkoski (2017); Watanabe (2017); Vilela (2018); Granado (2019); Makhoul (2021); Negrelli (2022)
4 livros	Cader-Nascimento e Costa (2005); Almeida (2019); Canuto <i>et al.</i> (2019); Falkoski e Maia (2020)
4 teses de doutorado	Almeida (2015); Galvão (2010); Santiago (2021); Luz (2023)
3 trabalhos em anais de evento	Pimentel <i>et al.</i> (2016); Gomes, Neves e Barbosa (2018); Espindola e Santos (2020)
2 capítulos de livro	Lourenço (2012); Alvarez (2017)
<b>Total: 31 produções</b>	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Ao todo, foram selecionadas 31 produções produzidas no Brasil, que abarcam a temática da guia-interpretação, seja de forma central ou tangencialmente. O recorte temporal da publicação do conjunto de produções selecionadas está compreendido entre os anos de 2005 e 2023, o que permite perceber que a circulação do termo *guia-interpretação* é recente na literatura nacional. A análise do material envolveu leituras preliminares, seleção de excertos que contêm descrição, caracterização ou conceituação da guia-interpretação ou do profissional que a realiza, o guia-intérprete; sistematização dessas definições em agrupamentos que, aqui, serão tratados como unidades de significado. Na sequência, apresenta-se a discussão dos resultados obtidos na análise desse material.

## 5 Resultados e discussão

A primeira vez que uma noção de guia-interpretação aparece, no material selecionado, é no livro dedicado a educação e comunicação de surdocegos, de Cader-Nascimento e Costa (2005). No primeiro capítulo, ao detalharem aspectos da vida da famosa surdocega estadunidense Helen Keller, que viveu entre o final do século XIX e meados do século XX, as autoras mencionam Anne Sullivan, que foi preceptora de Keller, e a descrevem da seguinte forma: “Sabe-se que nos três primeiros anos a professora optou por desenvolver o trabalho educacional de maneira informal, sendo a aluna educada em casa. Posteriormente, a professora acompanhou a aluna, como guia-intérprete, durante todo o ensino formal, inclusive na universidade” (Cader-Nascimento; Costa, 2005, p. 14). É importante situar que isso não significa que esta seja a primeira vez que a palavra *guia-intérprete* foi registrada, nem significa que essa palavra fosse usada na virada do século XIX para o século XX. No entanto, é interessante notar que, inicialmente, ela aparece muito mais associada à figura do profissional que a executa do que uma explicação sobre a atividade ou os processos de guia-interpretação em si. Ao mapear teses e dissertações sobre tradução e interpretação de língua de sinais no Brasil, Santos (2013) evidenciou que tomar, como objeto, elementos que destacam muito mais a figura do profissional intérprete do que a atividade de interpretação em si foi uma tendência em trabalhos acadêmicos sobre interpretação entre 2006 e 2010. É possível dizer que essa tendência também pode ser observada no contexto de estudos sobre guia-interpretação, sobretudo porque as discussões em torno dessa figura emergem em trabalhos oriundos da educação especial que discutiam sobre a educação e inclusão de pessoas com surdocegueira. Nesse sentido, é importante destacar que, com o passar dos anos, outras áreas do conhecimento abarcaram a guia-interpretação como tema de pesquisa. Foi possível identificar que a produção selecionada para este estudo está distribuída por, pelo menos, seis áreas conforme o Quadro 2:

Quadro 2 – Distribuição da produção por áreas do conhecimento

Quant.	Área	Produções
18	Educação especial	Cader-Nascimento e Costa (2005); Galvão (2010); Almeida (2015); Farias (2015); Almeida (2017); Alvarez (2017); Falkoski (2017); Watanabe (2017); Gomes, Neves e Barbosa (2018); Soares <i>et al.</i> (2018); Vilela (2018); Almeida (2019); Espindola e Santos (2020); Falkoski e Maia (2020); Lupetina e Walter (2021); Giza, Bondezan e Moraes (2022); Negrelli (2022); Maia e Falkoski (2023)
6	Estudos da tradução	Lourenço (2012); Granado (2019); Canuto <i>et al.</i> (2019); Makhoul (2021); Belém e Costa (2023); Piva e Witschs (2023)
3	Linguística aplicada	Almeida e Souza (2017); Santiago (2021); Oliveira (2022)

2	Engenharia e Tecnologia	Pimentel <i>et al.</i> (2016); Luz (2023)
1	Fonoaudiologia	Villas Boas <i>et al.</i> (2012)
1	Psicologia	Carillo (2008)

Fonte: elaborado pela autora (2024).

No Quadro 2, percebe-se que a educação especial se destaca como uma área que permanece concentrando a maioria das produções em torno da guia-interpretação, sobretudo pelo fato de tal atividade estar estreitamente relacionada com a educação e inclusão de pessoas com surdocegueira. Historicamente, a educação especial tem produzido conhecimento sobre técnicas e procedimentos que instrumentalizem a educação de pessoas com deficiência, o que torna compreensível que muitas das produções encontrem condições de realização quando inscritas nessa área. Como um campo disciplinar emergente no país, os estudos da tradução se destacam como a segunda área a concentrar a produção selecionada. Compreende-se que essa seja uma tendência em expansão visto que as compreensões sobre guia-interpretação, nos últimos anos, têm se deslocado para o entendimento de ser uma ramificação do trabalho interpretativo. Em terceiro lugar, a linguística aplicada também constitui um campo de destaque para a produção do conhecimento sobre guia-interpretação na medida em que abre portas para a entrada de temas de interesse dos estudos da deficiência ou dos estudos surdos. Entende-se que, em um território onde há espaço para discussões relacionados a linguagem e sua tradução ou interpretação, as possibilidades para a guia-interpretação se tornam férteis.

A partir da análise do conjunto de produções selecionadas, na medida em que eram identificadas recorrências nas formas de se referir, descrever ou caracterizar a guia-interpretação ou profissional guia-intérprete, foi possível perceber que os modos de definir a guia-interpretação estão relacionados a pelo menos quatro ênfases que podem ser identificadas da seguinte maneira: (i) como mediação e recurso de acessibilidade; (ii) como atividade que exige amplo domínio comunicacional com surdocegos; (iii) como atividade que possui uma tripla-função profissional; e (iv) como um ramo especializado da interpretação. No Quadro 3, apresenta-se as produções que recorrem a cada uma dessas ênfases:

Quadro 3 – Ênfases nos modos de definir guia-interpretação

Ênfases	Produções
Mediação e recurso de acessibilidade	Cader-Nascimento e Costa (2005); Villas Boas <i>et al.</i> (2012); Almeida (2015); Farias (2015); Falkoski (2017); Almeida (2017); Alvarez (2017); Espindola e Santos (2020); Falkoski e Maia (2020); Lupetina e Walter (2021); Oliveira (2022)
Amplo domínio comunicacional	Galvão (2010); Villas Boas <i>et al.</i> (2012); Lourenço (2012); Almeida (2015); Farias (2015); Pimentel <i>et al.</i> (2016); Almeida e Souza (2017); Watanabe (2017); Vilela (2018); Almeida (2019); Giza, Bondezan e Moraes (2022); Oliveira (2022); Belém e Costa (2023); Makhoul (2023)
Tripla-função profissional	Carillo (2008); Villas Boas <i>et al.</i> (2012); Almeida e Souza (2017); Gomes, Neves e Barbosa (2018); Canuto <i>et al.</i> (2019); Lupetina e Walter (2021); Negrelli (2022); Oliveira (2022); Maia e Falkoski (2023); Piva e Witchs (2023)

Ramo da interpretação	Granado (2019); Santiago (2021); Belém e Costa (2023); Makhoul (2023); Piva e Witches (2023)
-----------------------	--

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Uma ênfase na compreensão de guia-interpretação como *mediação e recurso de acessibilidade* é uma marca extremamente presente em muitas narrativas sobre o trabalho envolvendo tradução ou interpretação para públicos formados por pessoas com deficiência como no caso das pessoas surdas. Essa marca expressa um forte atravessamento discursivo da educação especial sobre as práticas de guia-interpretação como um elemento a mais no conjunto de técnicas e procedimentos que favorecerão a inclusão e a acessibilidade de pessoas com surdocegueira. Esse tipo de compreensão é perceptível em produções pioneiras sobre o assunto, mas alcança também as produções mais recentes.

Outra ênfase nos modos de caracterizar a guia-interpretação está na preocupação com o *amplo domínio comunicacional* que o profissional que exerce essa atividade deve ter para atender às necessidades comunicativas, linguísticas e sensoriais de uma determinada pessoa com surdocegueira. Essa ênfase registra aspectos inerentes à formação profissional do guia-intérprete, indicando a multiplicidade de formas de comunicação ou de técnicas de adaptação da linguagem acessíveis a pessoas com surdocegueira. Esses registros exploram aspectos da competência instrumental desse profissional e focada em elencar os tipos de formas de comunicação que ele pode lançar mão para realizar seu trabalho. Trata-se de uma ênfase que vai aparecer com mais expressividade na segunda década do século XXI e que se estende até às produções mais recentes.

A terceira ênfase identificada nos modos de compreender a guia-interpretação indica um amadurecimento intelectual sobre a definição da atividade a partir de uma síntese que destaca a *tripla-função profissional* que deve ser exercida pelo guia-intérprete: (i) interpretar interações; (ii) descrever pessoas, ambientes, objetos e movimentos; e (iii) conduzir a pessoa com surdocegueira em seu deslocamento. Essa compreensão, embora não muito explorada, aparece pela primeira vez em 2008 e perdura em diferentes trabalhos que recorrem a ela para tentar caracterizar a guia-interpretação de forma ampla.

Por fim, a quarta ênfase nas caracterizações da guia-interpretação sugerem o fortalecimento do olhar para essa prática a partir do campo dos estudos da tradução, considerando que a define como um *ramo da interpretação*. Ainda são poucas as produções que exploram essa definição, mas elas estão relacionadas a um movimento de incluir a guia-interpretação como uma atividade que exige competência tradutória e interpretativa. Em alguns casos, como pode ser observado a partir de Granado (2019), destaca-se a guia-interpretação realizada por intérpretes surdos que executam uma interpretação intralingual intermodal, isto é, que interpretam um texto de partida em língua de sinais, de modalidade gestual-visual, para um texto de chegada na mesma língua de sinais, mas na modalidade gestual-tátil.

É importante ressaltar que essas ênfases identificadas nas definições de guia-interpretação não se anulam e que uma mesma produção pode enfatizar mais de uma forma de definir tal atividade na medida em que explora outros meios de descrevê-la. Também se destaca que, neste relatório, não há intenção de apontar uma definição como incorreta ou como mais correta do que as outras. Entende-se que essas compreensões possuem suas próprias

conexões com as matrizes discursivas das quais elas partem para dizer sobre a guia-interpretação. Portanto, elas podem ser consideradas indicadores de um processo de avanço do conhecimento em torno da guia-interpretação, que vem se constituindo, nos últimos anos, como um campo cada vez mais delimitado e conectado com demandas sociais pautadas na contemporaneidade.

## **6 Conclusões**

---

Neste relatório, apresentou-se o desenvolvimento e a conclusão de uma pesquisa cujo objetivo geral foi analisar as definições de guia-interpretação na literatura. Para isso, lançou-se mão de uma pesquisa bibliográfica para selecionar produções acadêmicas e científicas que apresentam caracterizações sobre a guia-interpretação para pessoas com surdocegueira. A partir das leituras preliminares do material e posterior análise de excertos que mencionam a guia-interpretação, foi possível observar recorrências nos modos de identificar essa atividade. Essas recorrências foram agrupadas em quatro unidades de significado.

Em síntese, observou-se que as produções acadêmicas e científicas que apresentam definições de guia-interpretação estão concentradas, em sua maioria, no campo da educação especial, com algumas produções mais recentes nos campos dos estudos da tradução e da linguística aplicada. Ao focalizar as compreensões sobre a atividade de guia-interpretação encontradas, as análises possibilitaram identificar que os primeiros trabalhos poucos caracterizam a atividade da guia-interpretação e concentram, em sua maioria, descrições do profissional guia-intérprete e de sua funcionalidade. As produções mais recentes apresentam reflexões em torno da atividade enquanto um campo que busca independência e autonomia.

No que concerne às definições da guia-interpretação, observou-se a recorrência de pelo menos quatro ênfases nos modos de descrever essa atividade. A primeira e mais antiga está associada à ideia de guia-interpretação como mediação ou de recurso de acessibilidade para pessoas com surdocegueira, o que indica o forte atravessamento da perspectiva da educação especial. A segunda compreende os esforços para que o profissional guia-intérprete tenha um amplo domínio comunicacional, com competência instrumental e conhecimento linguístico em diferentes formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira. A terceira ênfase está relacionada com a compreensão sobre a tripla-função profissional exercida pelo guia-intérprete, a qual envolve a interpretação de interações, a descrição de ambientes, pessoas, objetos etc., e a orientação e mobilidade de pessoas com surdocegueira. Por fim, a quarta ênfase marca o reconhecimento da guia-interpretação como um ramo de especialização da atividade de interpretação, que tem suas próprias demandas e procedimentos relacionados com o público surdocego.

Dentre as principais dificuldades para a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre guia-interpretação, destaca-se a pouca produção concentrada nesse assunto tão específico, de modo que foi preciso incluir, nas buscas por material, produções voltadas à educação de pessoas com surdocegueira, as quais normalmente mencionam o guia-intérprete. Ou seja, tratou-se de uma pesquisa na qual foi preciso compreender os modos como o conhecimento é produzido e circula entre áreas, campos e disciplinas. Outro fator dificultador esteve relacionado aos procedimentos de tratamento dos dados como a elaboração de planilhas para armazenamento de informações relativas ao material selecionado. Aspectos que exigiram uma busca e um esforço para compreender os modos de

sistematizar e analisar o material. Esses processos foram importantes não apenas para amadurecimento científico de quem produziu a investigação como também porque, a partir dele, será possível oferecer contribuições para o avanço do conhecimento sobre um tema tão pouco conhecido e muito necessário para a inclusão social e educacional de pessoas com surdocegueira. Além disso, o estudo pode contribuir com a formação de profissionais da guia-interpretação, considerando que a Ufes conta com um curso de bacharelado que oferece disciplina obrigatória focada nas competências de guia-interpretação.

Como perspectiva futura, espera-se dar continuidade a esse estudo no trabalho de conclusão de curso, a fim de ampliar a produção selecionada, aprofundar as análises e identificar outros elementos que podem ainda não ter sido percebidos neste momento da iniciação científica. Espera-se que tal empreendimento oportunize a elaboração de um verbete sobre guia-interpretação, o qual integrará o produto do projeto de pesquisa maior ao qual se vincula. Por fim, conclui-se que a guia-interpretação constitui um território complexo, difícil e extremamente importante para operacionalizar meios acessíveis de pessoas com surdocegueira integrarem a vida em sociedade.

## **Agradecimentos**

---

Agradeço ao Senhor por sustentar e tornar possível a realização desta pesquisa; à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) pela bolsa concedida a mim para a realização da pesquisa; ao meu orientador Prof. Dr. Pedro Henrique Witches, que me ensinou a dar os primeiros passos na iniciação científica; e aos colegas do Círculo de Estudo Interdisciplinares (Ceilis), que fizeram sugestões ao desenvolvimento do meu trabalho.

## **Referências bibliográficas**

---

- ALMEIDA, W. G. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. 2015. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- ALMEIDA, W. G. A guia-interpretação no processo de inclusão do indivíduo com surdocegueira. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 65, p. 167–181, 2017.
- ALMEIDA, W. G. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. Ilhéus: Editus – Editora da UESC, 2019.
- ALMEIDA, W. G.; SOUZA, J. B. A língua de sinais e o guia-intérprete como mediador na educação da pessoa com surdocegueira. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 67–87, 2017.
- ALVAREZ, M. M. R. M. L. Aceitação, identidade e cultura da pessoa com surdocegueira adquirida. In: MAIA, S. R.; ARAOZ, S. M.; IKONOMIDIS, V. M. (org.). **Surdocegueira e deficiência múltipla sensorial: interface, saúde e educação apoiando a transição para a vida autônoma**. São Paulo: Grupo Brasil, 2017. p. 6–24.
- BELÉM, L. J.; COSTA, R. S. Sobre atuação e formação de tradutores intérpretes de Libras-língua portuguesa educacional na atualidade: reflexões e atualização. **ReVEL**, ed. esp., v. 21, n. 20, p. 1–36, 2023.
- BRASIL, Governo Federal. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023**. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília: Diário Oficial da União, 26 out. 2023.
- CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. **Descobrimo a surdocegueira: educação e comunicação**. São Carlos, EdUFSCar, 2005.

CANUTO, B. S.; SANTANA JÚNIOR, C. A.; ARAÚJO, H. F.; LOURENÇO, K. R. C. **Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdocegueira**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2019.

CARILLO, E. F. P. **Análise das entrevistas de quatro surdocegos adquiridos sobre a importância do guia-intérprete no processo de comunicação e mobilidade**. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

CHAMBERS, K. A.; MOORE, K. E.; RAMEY, C. N. Developing Confident and Competent Deafblind interpreters. In: MARONEY, E. *et al.* (org). **Integrated and Open Interpreter Education: The Open Educational Resource Reader and Workbook for Interpreters**. Oregon: Open Oregon Educational Resources, 2019. p. 76–96.

ESPINDOLA, F. O.; SANTOS, H. M. B. Surdocegueira: atendimento especializado, comunicação e inclusão na rede pública de ensino no estado do Mato Grosso do Sul. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 6; SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 17, 2020, Vitória. **Anais** [...]. Vitória: Ufes, 2020.

FALKOSKI, F. C. **Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa**. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FALKOSKI, F. C.; MAIA, S. R. **Surdocegueira congênita: comunicação com o uso de recursos de comunicação alternativa**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

FARIAS, S. S. P. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica**. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GALVÃO, N. C. S. S. **A comunicação do aluno surdocegos no cotidiano da escola inclusiva**. 2010. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

GIZA, F.; BONDEZAN, A. N.; MORAES, D. R. S. Inclusão escolar de aluno com surdo-cegueira por síndrome de Usher: o trabalho em sala de recursos multifuncionais. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1–12, 2022.

GOMES, M. J. S.; NEVES, M. J. B.; BARBOSA, Z. S. Surdocegueira adquirida: o resgate da autonomia por meio das intervenções de um espaço pedagógico. In: CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 5, 2018, Marabá. **Anais** [...]. Marabá: Unifesspa, 2018.

GRANADO, L. F. G. W. **Identificação de estratégias de interpretação simultânea intramodal – sinais internacionais para Libras**. 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LOURENÇO, S. M. E. Guia-intérprete de Libras para pessoas com surdocegueira: reflexão sobre as tendências de sua formação. In: ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. A. (org.). **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: Feneis, 2012. p. 109–139.

LUPETINA, R.; WALTER, C. C. F. Trajetórias educacionais de pessoas com surdocegueira adquirida. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 27, p. 1021–1036, 2021.

LUZ, T. R. **Caeski: uma tecnologia assistiva para a comunicação de pessoas com surdocegueira**. 2023. 140 f. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

- MAIA, S. R.; FALKOSKI, F. C. Formação de professores e profissionais como apoio a inclusão e participação de pessoas com surdocegueira. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 27, n. esp. 1, 2023.
- MAKHOUL, I. A. **Glossário monolíngue em língua de sinais brasileira**: uma importante ferramenta na formação de guias-intérpretes surdos. 2021. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? *In*: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- MONTEIRO, V. A. V. **As potencialidades linguísticas da surdocegueira**: um estudo sistemático das formas de comunicação de pessoas com surdocegueira. 2023. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.
- NEGRELLI, M. E. D. **Síndrome de Wolfram e aprendizagem**: um estudo de caso de inclusão da pessoa com surdocegueira no contexto da educação básica. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva) – Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.
- OLIVEIRA, T. L. “Regrava pra mim?”: um estudo de caso sobre as adaptações dos materiais didáticos digitais para uma graduanda surdocega. **Revista Educa Mais**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 637–646, 2022.
- PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- PENNYCOOK, A. Linguística aplicada indisciplinar como amálgama epistêmico. *In*: FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. (org.). **Oficina de linguística aplicada indisciplinar**: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas: Editora da Unicamp, 2023. p. 47–78.
- PETRONIO, K. Deaf-Blind Interpreting: Building on What You Already Know. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 237–273, 2010.
- PIMENTEL, A. X.; PAULA, H. N.; PAULA, J. H. S.; MARCIANO, M. M.; HISSA, R. M. Célula mecatrônica tátil para interpretação de caracteres Braille de texto digitalizado ou sonoro para portadores de deficiência visual. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 13, 2016, Resende. **Anais [...]**. Resende: AEDB, 2016.
- PIVA, M. C. M.; WITCHES, P. H. Guia-interpretação para pessoas com surdocegueira: análise de uma disciplina obrigatória na formação superior de tradutores e intérpretes de língua de sinais. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 1–26, 2023.
- SANTIAGO, V. A. A. **Palavras, vozes e memória discursiva**: concepções sobre ética do tradutor e intérprete de língua de sinais. 2021. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.
- SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil**: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SOARES, M. D. O. L. L.; CORREA, G.; SANTOS, J. S.; SANTOS, D. A. N.; PAZOTI, M. A.; SATO, S. S. *Alphabet Lorm* – a construção de um objeto de aprendizagem para o aperfeiçoamento de professores na comunicação com surdocegos. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 15, n. 1, p. 16–21, 2018.
- VERVLOED, M.; DAMEN, S. Language and Communication in People Who are Deafblind. *In*: MARSHARK, M.; SPENCER, P. E. (ed.). **The Oxford Handbook of Deaf Studies and Deaf Education**: Language and Language Development. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 325–343.

VILELA, E. G. **Surdocegos e os desafios nos processos socioeducativos**: os mediadores e a tecnologia assistiva. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2018.

VILLAS BOAS, D. C.; FERREIRA, L. P.; MOURA, M. C.; MAIA, S. R. A comunicação de pessoas com surdocegueira e a atuação fonoaudiológica. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 407–414, 2012.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 2017. 263 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.